

A produção de Cerâmica na Amazônia: O Aglomerado Cerâmico da Agrovila do Caburi em Parintins - AM

PAULO AUGUSTO RAMALHO DE SOUZA

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS
paramalho@gmail.com

MARIA DO CARMO ROMEIRO

mromeiro@imes.edu.br

SANDRO RIBEIRO DA COSTA

sandrorcr@gmail.com

RAIMUNDINHO TEIXEIRA NASCIMENTO FILHO

Universidade Federal do Amazonas
mundomais@hotmail.com

ELISANDRA MARISA ZAMBRA

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS
elisandrazambra@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em constantes mudanças ambientais, garantir a perenidade empresarial tornou-se cada vez mais um desafio para os micro empreendedores em todo o Brasil. De acordo com a pesquisa realizada pelo SEBRAE (2005), dentre a maioria das micro e pequenas empresas existentes em todas as regiões brasileiras, o índice de mortalidade no país mostrou-se elevado nos últimos anos, chegando a atingir o patamar de 59,9%.

A empresa de pequeno porte, por sua vez, era vista como uma organização pouco eficiente e incapaz, devido às suas limitações gerenciais em gerar dinamismo ao sistema, tendendo ao declínio da base organizacional da produção (COSTA; COSTA, 2005).

Desse modo, tais empreendimentos automaticamente recaíam a um descrédito, principalmente externo, o que dificultava seu firmamento no mercado.

Para Costa e Costa (2005), as pequenas empresas, também são consideradas capazes de gerar dinamismo econômico, sendo que para isso precisam estar aglomeradas em um espaço geográfico devidamente delimitado. Essa possibilidade, por sua vez, alterou o escopo de política pública, direcionando-a não mais para a pequena empresa isolada, mas para o seu entorno econômico-institucional.

Apesar disso, as pequenas empresas, devido suas limitações gerenciais e pouco eficientes, não podiam garantir sua estabilidade seguindo tais teorias, causando dessa forma uma exceção no que diz respeito às análises empresariais.

Esse dinamismo econômico com potencial relevante embora se apresente pouco eficiente, encontra-se na cidade de Parintins, situada na parte leste do Estado do Amazonas e particularmente na Agrovila do Caburi, onde se observa alto índice de aglomerados produtores de cerâmica, distribuidores, comerciantes, fornecedores de matéria prima, empresas de exportação e outros que caracterizam os Arranjos Produtivos Locais, (APLs) e Cluster, dependendo de sua organização, na qual identificar esses conceitos requer uma análise criteriosa, já que, seu conteúdo também é considerado impreciso.

Na Agrovila do Caburi a pesca também é uma atividade econômica importante, pois muitas famílias vivem dessa atividade, haja vista, que a região possui muitos lagos sendo que grande parte do peixe capturado é vendida na cidade de Parintins. A monocultura da farinha e o extrativismo, também respondem por parcela considerável ao que tange a atividade econômica. Contudo a produção só atende a demanda local.

PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

A atividade de fabricação e comercialização de cerâmica vem ganhando espaço na economia da agrovila, sendo que muitas famílias tem tal atividade como a segunda em termos de responsabilidade de geração de renda. Todavia, trata-se de uma atividade realizada sem vínculos produtivos formais entre os agentes e que desta forma apresenta demasiada ineficiência. Assim, torna-se relevante o entendimento de como se dão as interações produtivas no Aglomerado Ceramista na Agrovila do Caburi em Parintins AM?

Frente a esta situação, o presente estudo propõe a possibilidade, no âmbito teórico, de relacionar o desempenho da eficiência dos APL's com o comportamento recíproco de cooperação e outras formas de relacionamento, com o intuito de explicar a dinâmica da econômica local da comunidade. Desta forma, esta pesquisa buscou identificar as características da interação produtiva entre atores de uma aglomeração produtiva cerâmica e seu efeito para a criação e fortalecimento, de um possível, Arranjo Produtivo Local Cerâmico no contexto da Agrovila do Caburi no município de Parintins AM.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ARRANJO PRODUTIVO LOCAL – APL

Dentre as diversas conceituações que são apresentadas a respeito de APLs, pode-se comentar o conceito definido por Albagli e Brito (2002) onde os autores conceituam APLs como sendo a aglomeração de um número significativo de pequenas empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal, bem como empresas correlatas e complementares, como fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de serviços e consultoria, comercializadoras, clientes, entre outros, que estejam em mesmo espaço geográfico e que tenham identidade cultural local e vínculo, mesmo que tal vínculo, seja incipiente, de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais e instituições públicas ou privadas de treinamento, promoção e consultoria, escolas técnicas e universidades, instituições de pesquisa, desenvolvimento e engenharia, entidades de classe e instituições de apoio empresarial e de financiamento.

Em geral, um arranjo produtivo local representa um conjunto de aglomerações econômicas com capacidades relacionadas ou afins, de portes variados e/ou a presença de cooperação relacionada à atividade principal do conjunto destes agentes econômicos. Esta interação pode se estender até as instituições de apoio (universidades, associações, fornecedores, órgãos governamentais) (SOUZA, 2009).

Convergindo para o mesmo patamar de ideias, Nazcar (2008) menciona que o enfoque em APL's indica também a possibilidade de determinadas regiões, inseridas em países emergentes, elevarem sua competitividade por meio das inovações incrementais com características específicas do local. É notório que o autor faz alusão da possibilidade que a composição de um arranjo produtivo local tem de fornecer a seus complacentes mecanismos de maior competitividade.

De mesma forma, Nazcar (2008) atenta também para que, tanto âmbito da abordagem de sistemas ou arranjos produtivos locais, é discutido as possibilidades e as formas de inserção das micros e pequenas empresas (MPE's) na estrutura produtiva com o intuito de desenvolverem um sistema de cooperação mútua, explorando as vantagens da aglomeração e das ações coletivas em diversas áreas. “Esses arranjos produtivos, não deixam de ser uma ação estratégica de fortalecimento da competitividade de PMEs” (NAZCAR, 2008, p. 46).

Assim sendo, pode se alegar que sejam diversos os benefícios desses modelos, uma vez que promovem a redução dos riscos de investimentos e reduzem a fragilidade das PMEs diante do contexto da internacionalização. Em contra partida, é fundamental que as empresas participantes desses arranjos e tenham a perspectiva de expandir sua atuação no mercado, se possível para a exportação o que condicionara positivamente sua capacidade competitiva em mercados diferenciados.

Frente ao desenvolvimento de um Arranjo Produtivo Local, Visser (2004) alega que existam três processos distintos para a execução de tal desenvolvimento:

Primeiramente este pode ser consolidado através de um ou mais empreendedores que identificaram uma vantagem competitiva local decorrente de alguns fatores como facilidades de distribuição, infra-estrutura, localização e etc;

Em segundo, esta pode ser construída como resultado de uma estratégia empresarial para solucionar problemas de competitividade.

É notório que neste caso a cooperação ou mesmo a interação venha ocorrer na cadeia produtiva, o que é chamada de interação vertical. Todavia esta também pode ocorrer entre competidores a qual é chamada de interação horizontal.

Por fim, segundo Visser (2004), esta pode se dar por um terceiro fator, sendo que este último envolve razões históricas que são baseadas nas experiências de longos anos e na tradição das empresas da região, que movidas pela perspectiva de ganhos, passam a interagir.

Assim sendo, ao caracterizar o Arranjo Produtivo Local ideal para a comunidade do Caburi esta tenderia a ser do tipo potencial uma vez que ocorre uma tradição produtiva, o que no caso vem a ser a produção de cerâmica e alguma vantagem favorecida por alguns fatores locais.

Por outro lado, se faz necessário para tal mobilização de interesses em comum, estabelecer confiança entre as lideranças e solidificara inter-relação entre os agentes envolvidos na cadeia produtiva.

COOPERAÇÃO

Ao conceituar o que venha a ser cooperação, cabe mencionar o que diz Fleury (1983), quando alega que o conceito de cooperação só tem utilidade se não for pensado abstratamente.

De certo que o autor repassa a mensagem de que possui pouca validade um processo social de cooperação que detenha alto teor de isolamento, ou seja, que se desencarne e se desvincule do contexto histórico-social a qual esteja inserido.

De mesmo modo, Martins (1991) menciona que durante muito tempo se acreditou que os impasses da pequena agricultura (agricultura familiar, de cooperação ou associativa) estavam direcionados unicamente na comercialização dos produtos agrícolas. O autor alega também que havia a existência de um esquecimento do próprio processo de trabalho, pois o pensamento era de que uma vez eliminados os intermediários, ou seja, os atravessadores que se apropriavam de uma parte significativa dos resultados do trabalho dos lavradores, tudo se resolveria.

De certo que na análise do autor, o pensamento existente até então indicava que a coletivização da venda dos produtos agrícolas ou, até mesmo, a coletivização da compra de insumos e outras mercadorias necessitadas pelos lavradores, como se faz através do cooperativismo, não atinge o próprio processo de trabalho e conseqüentemente a própria produção.

Para Martins, (1991), existe a necessidade de um esquema de cooperativismo que não se preocupe apenas em assegurar maiores rendimentos individuais para lavradores isolados, mas que esteja baseado em ganhos sociais, introduzindo o cooperativismo na própria produção.

Compartilhando de tal pensamento, pode-se aferir a necessidade de se pensar a cooperação em termos de processo de produção como produção ampliada com ganhos de escala, indo além do feito tradicional voltado apenas à circulação de mercadorias. No entanto, cabe relatar que nessa visão de produção ampliada, se faz necessário inserir a agregação de valor via beneficiamento e agroindústria.

Assim sendo, para que uma cooperação econômica não venha a se transformar em uma abstração, pressupõe-se a necessidade da implantação de um projeto coletivo de mudança sócio-política com base social voltada a interesses convergentes. Nesse sentido, têm-se então três elementos de entendimento do termo cooperação que são:

Processo produtivo; onde a questão da produção esteja volta da à dinamicidade e capacidade produtiva atrelada a modernização de mecanismos e técnicas de cultivo.

Projeto político; onde se direciona desde as políticas de reforma agrária vindo a se estabelecer até então nas políticas de incentivo e de facilitação de crédito como também de proteção ao setor produtivo e conseqüentemente ao produtor.

Convergência objetiva de interesses; a qual se direciona ao ganho coletivo e não apenas individual, sendo que os benefícios da cooperação estejam direcionadas a todos os cooperados de forma igualitária.

Realizada desta forma, a cooperação pode ser entendida como um mecanismo eficaz e promotor de ganhos coletivos, pois visa além das vendas, o melhoramento de toda cadeia produtiva, fato este que tende a influenciar na solidificação dos próprios Arranjos Produtivos Locais.

METODOLOGIA

A estrutura metodológica desta pesquisa tem o intuito de dar suporte ao entendimento do fenômeno cooperação na agrovila do Caburi em Parintins AM. Para tal, em virtude das características abstratas e relacionadas com a percepção dos atores locais com seu papel no meio a abordagem deste estudo é qualitativa, pois com base em Vergara (2009) visa identificar características subjetivas e não quantificáveis da relação objeto/problema de uma pesquisa.

A pouca familiaridade com o objeto de estudo e o incipiente número de pesquisas acadêmicas relacionadas com a cooperação na região Amazônica reforçam que o objetivo metodológico da pesquisa seja exploratório, que segundo Vergara (2009) essa abordagem tem o intuito de proporcionar um aprofundamento frente ao tema de pesquisa, com vistas a torná-lo mais explícito, técnico e acadêmico.

A estrutura de procedimento desta pesquisa tem como formato o Estudo de Caso o qual segundo Gil (2009) consiste no estudo profundo e exaustivo de um número reduzido de objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Fato este que condiz com o objeto a ser estudado, uma vez que o presente estudo se direciona a particularidade da Agrovila do Caburi zona rural do município.

A pesquisa foi realizada na Agrovila do Caburi em Parintins AM, nos meses de Setembro e Outubro de 2012, com duas visitas não programadas junto aos atores locais, com o intuito de não interferir na dinâmica da comunidade e ter acesso aos ceramistas em meio à realização de sua atividade cotidiana. O deslocamento do perímetro urbano da ilha até a Agrovila do Caburi é realizado em aproximadamente 8 horas, se deu em uma pequena embarcação, a qual serviu de dormitório para a equipe de pesquisa, pois em virtude das características locais não há possibilidade de retorno no mesmo dia.

Na primeira visita junto à comunidade não foram realizadas entrevistas, a mesma teve a finalidade de observar a dinâmica local e solicitar o apoio da liderança comunitária para realização do estudo. Com foco na obtenção dos dados, na segunda visita, foram realizadas entrevistas 20 entrevistas semi-estruturadas junto a 06 (seis) famílias de ceramistas locais.

Com base nas características dos dados a técnica de análise utilizada neste estudo foi a Análise de Conteúdo, a qual segundo Vergara (2009) tem por finalidade categorizar por meio de procedimentos sistemáticos a percepção dos atores frente ao objeto de estudo.

ANALISE DOS RESULTADOS

Frente a tal situação, incluem-se cerca de 12 famílias que utilizam a atividade como meio de complementação de renda sendo que os produtos (cerâmicas), que são comercializados na cidade de Parintins, assim como também vendidos a revendedores que levam as peças para outras cidades.

Ao que diz respeito à idade dos sujeitos envolvidos na fabricação de cerâmica pode se comentar que do total de 20 entrevistados a maior ocorrência identificou-se a ocorrência de 10 casos na faixa etária acima de 45 anos e a menor incidência de casos na faixa etária de 15 a 18

anos com 02 casos. A Tabela 01 apresenta a faixa etária dos ceramistas da comunidade do Caburi na zona rural de Parintins Am.

Tabela 01 – Faixa Etária dos Ceramistas

Idade dos Ceramistas da Comunidade				
15 a 18	19 a 25	26 a 30	30 a 45	Acima de 45
02 Ceramistas	02 Ceramistas	02 Ceramistas	04 Ceramistas	10 Ceramistas

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa de campo.

Percebe-se na Tabela 01 que a atividade em sua maioria é desenvolvido por atores com idade mais avançada, os quais relatam terem iniciado com o trabalho cerâmico desde “jovens”. Por lado evidenciou-se com a pesquisa que para a comunidade em questão a força de trabalho dos “jovens” tende a não inserção na dinâmica da cerâmica local, sendo que os mesmos acabam por se direcionar para regiões urbanas do estado do Amazonas em busca de outras oportunidades de trabalho.

Dentre os atores diretamente ligados a fabricação da cerâmica, a ocorrência de 12 casos do sexo masculino que destinam ao serviço de maior esforço físico como, por exemplo, a extração e o beneficiamento da argila, enquanto que 08 (oito) casos do sexo feminino, relacionadas a trabalhos manuais como a atividade de confecção e decoração do material cerâmico. A Tabela 02 apresenta a origem dos ceramistas que atuam na agrovila do Caburi no município de Parintins AM.

Tabela 01 – Origem dos Ceramistas

Origem dos Ceramistas da Comunidade		
Parintins		Outros Municípios
18 Ceramistas		02 Ceramistas
Nascidos na Comunidade	Nascidos Fora da Comunidade	--
16	02	--

Fonte: elaborado pelos autores com base na pesquisa de campo.

Por meio da Tabela 02 identificou-se a ocorrência de 18 casos de ceramistas nascidos no município e apenas 02 (dois) casos de oriundos de outras localidades. Outro fato relevante, é que 16 das 18 ocorrências de nascidos em Parintins são de famílias da comunidade, o que sugere o quão restrita é a relação entre a atividade cerâmica e comunidade local.

Percebe-se que a atividade possui representação considerável na renda das famílias envolvidas no processo de fabricação, uma vez que fora da atividade de fabricação, a fonte de renda destas famílias se direciona a pesca, a pequenos serviços esporádicos realizados para terceiros e a programas de transferência de renda condicionada do governo federal.

Por outro lado, o número de horas direcionado a atividade mencionada varia e segundo os próprios entrevistados, a variação depende do número de encomenda, pois nem sempre se detém encomenda, ficando estes às vezes totalmente ociosos ao que diz respeito à atividade. Todavia quando em atividade, chegam a trabalhar até 12 horas, mas segundo relatos a frequência cotidiana de horas trabalhadas fica e torno de 4 horas diárias.

Quanto ao tempo de inserção na atividade cerâmica pode-se perceber a ocorrência de 16 casos de atores que atuam entre 8 (cinco) e 10 (oito) anos e 4 (quatro) casos que atuam há mais de 15 anos. Cabe mencionar que todos os 20 casos foram unânimes em relatar que a confecção de peças em cerâmica até 5 (cinco) anos atrás era realizada apenas para consumo próprio, e a partir do interesse de turistas, moradores e comerciantes locais a produção passa a possuir caráter econômico, sendo que atualmente peças são exportadas até para outros países.

Com o fato da atividade como elemento gerador de renda, ainda ser recente, evidencia-se com a pesquisa que os atores locais ainda são incipientes frente à gestão econômica da atividade. Em virtude deste cenário os atores relatam a dependência de “atravessadores” para comercializar as peças da agrovila.

Os atravessadores são agentes que em virtude da dificuldade dos atores locais em escoar a sua produção para área urbana do município, pelo elevado custo do transporte da agrovila do Caburi até o porto de Parintins, auferem ganhos na compra das peças junto a comunidade e por meio da revenda das mesmas para comerciantes de Parintins e Manaus. Segundo Martins (1991) a presença dos atravessadores em uma aglomeração produtiva dificulta seu desenvolvimento da atividade, pois estes inibem a racionalização do processo produtivo com a não visualização de toda a cadeia produtiva por parte do produtor rural.

Diante de tal indagação pode-se também identificar perante aos fabricantes de cerâmica que estes, por muitas vezes, acabam por perder as peças fabricadas no ato da torra, ou seja, ao assar as peças, por não possuírem um controle padrão diante da temperatura do forno, acabam por perder, ou melhor, queimar as peças a serem assadas, o que acaba por contribuir para o desperdício de matéria prima.

Por outro lado, pode se perceber também que o nível de escolaridade das pessoas envolvidas na fabricação de cerâmica fica em torno da alfabetização. Neste contexto, há de se mencionar a ocorrência na pesquisa de 14 casos de atores apenas alfabetizados enquanto que 06 casos de entrevistados estão na escola regular.

Tais dados levam a deduzir que a baixa escolaridade dos pais, os quais são os maiores responsáveis pela fabricação de cerâmica, intervêm diretamente na qualidade do produto. Todavia, esta qualidade pode também ser melhorada se trabalhado com os descendentes uma vez que estes apresentam nível de escolaridade satisfatório para sua idade.

Quanto à existência de alguma instituição de apoio com incentivo a fabricação de cerâmica estes foram categóricos em mencionar que não existia nenhum. Por outro lado, os entrevistados alegaram a necessidade de deterem um pouco de atenção por parte das instituições de ensino que estão alocadas em Parintins, pois alegaram que embora eles tenham uma venda periódica para o produto, uma vez que a matéria prima é facilmente adquirida na época da seca dos rios e depois não se possui política de armazenamento e por tal acaba por transformar a produção em atividade de safra.

Os fabricantes destacaram a necessidade de cursos de qualificação para aprimorar tal fabricação como também de aprender técnicas até mesmo para o acúmulo de matéria prima para que a atividade se estabeleça por todo o ano e não apenas durante seis meses do ano.

Sob a técnica utilizada eles foram taxativos em mencionar que se trata de uma peça artesanal e por tal, todo o processo era aprendido através do método tentativa/erro, sendo que este ainda apresenta falhas esporádicas, pois às vezes os fabricantes mencionaram ocorrer falhas na peça como trincamento, e deformidades resultantes da própria fabricação e não do processo de assadura.

Desta forma pode se perceber que a atividade ceramista da comunidade tem origem na atividade indígena, mas que fora aperfeiçoada através da influência de outras culturas, no caso, vinda do Estado vizinho do Pará.

Por outro lado, indagava-se aos entrevistados se estes gostariam que seus filhos continuassem a atividade e diante de tal questionamento, pôde-se deter como resposta

unânime dos entrevistados, que não, ou seja, estes não gostariam que seus filhos continuassem a atividade.

Neste contexto, pode-se deter como resposta dos entrevistados no que se tratava de escolha por melhor qualidade de vida e pode-se perceber por parte destes também a recusa pois os mesmos acreditam que a atividade não poderia oferecer melhores condições de vida para seus filhos.

De mesma forma, pode se perceber que o esforço dedicado por parte dos pais para que os filhos venham a estudar, se direciona diretamente a busca por uma melhor qualidade de vida, sendo que esta seja diferente da fabricação de cerâmica.

Como na região amazônica é comum deter festa ligadas a atividades principais das comunidades se também das próprias cidades, indagara-se dos entrevistados se havia alguma festa ligada a fabricação de cerâmica, diante de tal pergunta a totalidade dos entrevistados afirma que não havia nenhuma festa na comunidade ligada a fabricação de cerâmica.

Ao que tange a informações acerca da produção de cerâmica, pode-se identificar dos entrevistados que tais informações não são repassadas formalmente, ou seja, as pessoas que quiserem deter melhores conhecimentos, tem que comparecer no momento da fabricação de quem os detém para que através do processo de observação possam deter melhores técnicas de fabricação.

Por outro lado, evidenciou-se ocorrência de 08 casos em que os entrevistados alegaram que, quem detém melhores técnicas de fabricação, por muitas vezes não as repassa para os demais fabricantes. Diante de tal resposta, pode-se perceber que há uma concorrência que vem a prejudicar todo o processo de produção e de emancipação para os fabricantes de cerâmica da Agrovila do Caburi, uma vez que unidos, estes poderiam compartilhar conhecimento, ganhar em qualidade e quantidade produzida.

Por outro lado, os entrevistados alegaram que a relação entre eles era cordial e por muitas vezes de ajuda mútua, o que leva a crer que o egoísmo mencionado anteriormente por parte de quem detém melhores técnicas de fabricação, nada mais é do que uma retráida necessidade de sobrevivência.

Os entrevistados mencionaram também que, quando estes não detém algum material acabam por emprestar do outro fabricante, é o que acontece frequentemente com o “torno” (peça giratória que facilita a forma da cerâmica), pois só existem dois na comunidade e de forma artesanal, movido a tração humana.

Desta forma, quando da modelagem das peças, é necessário emprestar tal ferramenta de quem tem, sendo que os entrevistados alegaram que, diante de tal empréstimo de ferramenta, nunca houve negação em emprestar a mesma para os demais fabricantes.

Ao que diz respeito à matéria-prima, pode se perceber que todos os fabricantes costumam adquiri-la individualmente. Todavia, foi identificado a ocorrência de 06 casos de entrevistados que alegaram emprestar tintas, extrato de noqueira e até mesmo argila de outros fabricantes.

Diante da questão, houve a necessidade de se compreender o porquê destes fabricantes de cerâmica não realizarem a compra de material em conjunto para que desta maneira possam negociar preços melhores com os fornecedores. Diante disso, os mesmos mencionaram que não havia como, uma vez que o porte de recursos destes é bastante diferenciado, quando um detém recurso para realizar tal aquisição de material os demais estão sem recursos, tal fato acaba por prejudicar a todos.

Os atores locais foram indagados sobre suas perspectivas para o futuro da atividade e da comunidade. Em sua maioria os atores esperam que a atividade consiga se consolidar, alguns chegaram a comentar sobre a importância de uma cooperativa. Entretanto, quando mencionaram sobre o futuro da comunidade evidenciou-se a falta de desejos coincidentes entre os atores locais.

Na agrovila, os sujeitos envolvidos formam, mesmo sem perceber, um aglomerado produtivo, no entanto, estes vêm trabalhando de forma esparsa, sem cooperação entre as partes interessadas e diretamente envolvidas e sem buscar novas técnicas para aumentar a produção e com isso o ganho real para as famílias.

CONCLUSÃO

A tendência de formação de arranjos produtivos locais tem crescido consideravelmente nos últimos anos. De certa forma, para muitos estudiosos esta a é a forma capaz de reduzir as desigualdades regionais que diz respeito à produção, competitividade e crescimento econômico.

No caso da Agrovila do Caburi, objeto desta pesquisa, o potencial para se estabelecer um arranjo produtivo local é observável, no entanto, o fator cooperação se faz incipiente, sendo por muitas vezes até mesmo inexistente.

As constatações iniciais deste estudo evidenciaram uma possível densidade das inter-relações entre atores locais, pois em sua maioria são nascidos na Agrovila do Caburi e cresceram agregando um conjunto de características e valores locais que poderiam auxiliar no desenvolvimento da cooperação local, entretanto, com o desenvolvimento da pesquisa esta constatação não se confirmou. Sabe-se, então, que para o desenvolvimento de um arranjo produtivo local é necessário que a cooperação venha a fluir entre as partes, pois uma das premissas de um APL é a promoção da interação das partes para que juntas se fortaleçam e alcancem objetivos que venham a beneficiar a todos.

A presença da solidariedade entre os atores locais foi identificada nas relações na Agrovila, mas a cooperação para crescimento e socialização do conhecimento acerca da produção de cerâmica é significativamente ausente, ficando as partes em sua maioria dispersas no processo produtivo.

Este cenário pode ser modificado por meio do entendimento da comunidade da importância da cooperação frente ao processo produtivo, com informações a cerca dos benefícios que os fabricantes de cerâmica podem deter se caso venham a transacionar seu conhecimento e a experiência que detém em prol de um único e comum objetivo, o de desenvolver a atividade e assim adquirir melhores condições de vida.

Por meio das discussões fomentadas neste trabalho para composição de um arranjo produtivo local com foco na fabricação de cerâmica na Agrovila é recomendável que se estabeleça inter-relações mais densas entre as partes envolvidas, para que através da cooperação possam se fortalecer mutuamente e assim promover melhorias para toda a coletividade.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. e BRITO, J. **Arranjos Produtivos Locais:** Uma nova estratégia de ação para o SEBRAE – Glossário de Arranjos Produtivos Locais. RedeSist, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Le capital social:** notes provisoires. *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, n. 31, jan. 1980.

CASSIOLATO, J. E. & LASTRES, H. M. M. **Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais.** Mobilizando Conhecimentos para Desenvolver Arranjos e Sistemas

Produtivos e Inovativos Locais de Micro e Pequenas Empresas do Brasil. Rio de Janeiro, UFRJ: 2005.

_____, J. E.; SZAPIRO, M.: **Uma Caracterização de Arranjos Produtivos Locais**

de Micro e Pequenas Empresas. In: LASTRES, H. M. M. et al. (Orgs.). **Pequena empresa:**

cooperação e desenvolvimento local. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UFRJ/Instituto de Economia, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração.** Abordagens prescritivas e normativas da administração. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

COLEMAN, James S. *Foundations of social theory.* Cambridge. Mass./London, UK. 1990.

COSTA, A. B.; COSTA, B. M. Cooperação e Capital Social em Arranjos Produtivos Locais.

In: XXXIII Encontro Nacional de Economia, 2005, Natal. Natal: ANPEC. Anais, 2005.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 3 Ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FLEURY, Maria Tereza Leme. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil.** São Paulo: Global Editora, 1983.

_____. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil.** São Paulo: Global Editora, 2009.

GARCIA, R. C. **Vantagens competitivas de empresas em aglomerações:** Um estudo aplicado à indústria brasileira de calçados e sua inserção nas cadeias produtivas globais. Tese de Doutorado. Campinas, Junho 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de Caso:** fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência - a questão política no campo.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** Procedimentos básicos, pesquisa, bibliografia, projetos e relatórios, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NARAYAN, D. "**Bonds and bridges:** Social capital and poverty", Policy Research Working Paper 2167, World Bank, Poverty Reduction and Economic Management Network, Washington, D.C. 1999.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de história do Amazonas.** Manaus: Valer, 2000.

PUTNAM, R. *Making democracy work:* civic traditions in modern Italy. Princeton : Princeton University, 1993.

SOUZA, P. A. R. Coordenação do sistema produtivo da uva de mesa da região noroeste de sp: uma abordagem focada na teoria dos custos de transação e nas estruturas de poder.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

STEWART, T. A. **A Riqueza do Conhecimento:** o capital intelectual e a organização do século XXI. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SUZIGAN, W.; GARCIA, R.; FURTADO, J. **Governança de Sistemas de MPME em Clusters Industriais.** In: LASTRES, H.; CASSIOLATO, J.; MACIEL, M. Pequena Empresa, Cooperação e Desenvolvimento Local. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração** / Sylvia Constant Vergara. – 11. ed. – São Paulo : Atlas, 2009. 11. ed. – São Paulo : Atlas, 2009.

VISSER, E. J. **A Chilean wine cluster? Governance and upgrading in the phase of internationalization.** Serie desarrollo productivo. n. 156. Division of Production, Productivity and Management. ELAC/GTZ project on Natural Resource-based Strategies Development (GER 99/128). Santiago de Chile, 2004.